



Nathália Spitzer Fischer  
Colégio Mario Quintana  
1º Série do Ensino Médio  
Crônica reflexiva

### Sobre a falha na singularidade

Como podemos protestar e almejar a volta de uma vida “normal” se nos últimos anos o que menos se tem feito é viver? Estávamos caminhando no escuro, sem ter sentido nem direção, vivendo de euforias momentâneas e com pés e mãos amarrados pela força do ego, até que o imprevisto abalou o ser inabalável, e se quebrou qualquer estrutura de superioridade mapeada em nosso DNA; nos encontramos incapazes e diante de algo quase tão pequeno quanto nosso amor ao próximo. Uma fração microscópica foi capaz de capotar nosso orgulho e testar a humanidade de cada um.

A banalidade se tornou valiosa, nossas vidas corridas tiveram que desacelerar, nossa mente intensa foi forçada a parar e observar o mundo em que vivemos, perceber os detalhes e o valor real de cada segundo. Nesse tempo, conhecemos melhor a nós mesmos, limites e capacidades, reconhecemos o quanto necessário é alguém do lado, o quanto pessoas precisam de pessoas assim como precisam do ar para respirar. Aprendemos que sentir saudade vai muito além de desejos rasos e superficiais, é sentir falta de um pedaço seu que está com outro alguém, é ausência de prazeres passados, que assim como o tempo, não voltam. Nossa singularidade é limitada pelo exílio, pela necessidade de compartilhar felicidade com o próximo para que sua energia o faça feliz também. Nosso amor nos basta, mas é a compaixão que nos transborda.

Ao mesmo tempo que vidas ganharam um ressignificado, outras ganharam um ponto final, e os pontos finais se transformaram em números, incontáveis e imprescindíveis, perdidos entre as dores de cada um que viu diante de seus olhos a perda fatídica de uma parte de si. Há aqueles que rezam baixinho por um pouco de solidariedade enquanto há outros que não conseguem forças para sequer encontrar a esperança em seus corações. Nosso mundo é equilíbrio, é necessário doar aquilo que nos sobra, oferecer uma mão a quem não tem nenhuma.

O inconveniente se tornou aceitável, e o impossível agora é apenas mais um adjetivo rasteiro utilizado por quem não acredita em si mesmo. Talvez em um futuro distante possamos sentar com nossos filhos e contar sobre o que aprendemos quando tudo virou de cabeça pra baixo por culpa do acaso, e ensinar-lhes como se vive verdadeiramente em um mundo tão louco.

Parecer avaliadores SAS

Uma crítica contundente ao nosso modo de vida antes da pandemia. Ressalta com muita propriedade que nossa sociedade já estava doente, o vírus foi um detalhe.